

MIAR

crossref

Diadorim



Faculdade Santo Agostinho

revista fsa

www2.fsanet.com.br/revista

Revista FSA, Teresina, v. 11, n. 1, art. 11, p. 200-219, jan./mar. 2014

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2014.11.1.11>



WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung

latindex

Sumários.org

e-revist@s

O CORPO NO CONTEXTO ESCOLAR: SINAIS DE IDENTIDADE CULTURAL

THE BODY IN SCHOOL CONTEXT: SIGNS OF CULTURAL IDENTITY

Deyvid Tenner de Souza Rizzo*

Mestre em Educação/Universidade Federal da Grande Dourados

Professor da Universidade Federal da Grande Dourados

E-mail: deyvidrizzo1@gmail.com

Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil

Renato Nésio Suttana

Pós-Doutor em Letras/Universidad de Buenos Aires

Professor da Universidade Federal da Grande Dourados

E-mail: renatosutana@ufgd.edu.br

Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil

*Endereço: Deyvid Tenner de Souza Rizzo

Universidade Federal da Grande Dourados, Faculdade de Educação, Sala: 34. Rua João Rosa Góes, 1761 - Vila Progresso, CEP: 79.825-070, Dourados/MS, Brasil

Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho

Artigo recebido em 15/11/2013. Última versão recebida em 10/12/2013. Aprovado em 11/12/2013.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

RESUMO

O estudo objetiva analisar e compreender como as identidades dos alunos que compõem o universo das aulas de Educação Física no Ensino Médio são construídas em relação aos corpos inseridos no contexto escolar. A realização desta investigação ocorreu a partir de observações realizadas durante um bimestre letivo, em duas escolas da rede pública estadual de ensino de Dourados-MS. Esse entrelace entre corpo, cultura e identidade se faz necessário por estarem intimamente relacionados na Sociedade Contemporânea, na qual a mesma junção reflete a identidade cultural do sujeito, influenciada pelo lugar, gênero, etnia, orientação sexual, crenças. A pesquisa foi de natureza qualitativa, descritiva, delineada, também, a partir da análise das falas de dez alunos, por meio de entrevistas semiestruturadas, sendo estas filmadas (áudio e vídeo). No processo de análise da constituição ou da busca de uma identidade dos alunos, percebeu-se a relação paralela entre a identidade cultural e corpo, sempre em busca de uma aceitação coletiva.

Palavras-chave: Corpo. Educação. Cultura.

ABSTRACT

The study aims to analyze and understand how the identities of students that make up the universe of physical education classes in high school are constructed in relation to bodies inserted in the school context . The realization of this investigation occurred from observations made over a quarter school , two schools in the state public education Golden - MS . This intertwining of body, culture and identity is necessary because they are closely related in Contemporary Society , in which the same junction reflects the cultural identity of the subject , influenced by location, gender, ethnicity , sexual orientation , beliefs . The research was qualitative , descriptive , also outlined from the analysis of the speeches of ten students through semi-structured interviews , which were videotaped (audio and video) . In the process of analysis of the constitution or the search for an identity of students , we realized the parallel relationship between cultural identity and body, always in search of a collective acceptance.

Keywords: Body. Education.. Culture.

1 INTRODUÇÃO

Partindo dos conceitos de identidade cultural e corpo, que vêm sendo discutidos com veemência na teoria social, evidenciando que velhas identidades estão em declínio, fazendo surgir novas identidades, que, como diz Hall, fragmentam o sujeito moderno, fazendo surgir a crise de identidade. Deste modo, constitui-se o presente estudo, como parte do resultado de uma pesquisa mais ampla, desenvolvida como pesquisa de Mestrado, num Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa “Educação e Diversidade”. Esse entrelace entre corpo e cultura se faz necessário por estarem intimamente relacionados na Sociedade Contemporânea, na qual a mesma junção reflete a identidade cultural do sujeito, influenciada pelo lugar, gênero, etnia, orientação sexual, crenças.

O objeto da presente proposta de pesquisa centrou-se no estudo das representações que os alunos do Ensino Médio têm, por meio do corpo, no contexto das aulas de Educação Física, buscando compreender o modo como as diferenças são significadas por essas personagens e de que maneira estão sendo construídas as identidades desses sujeitos.

O estudo foi realizado em 2 (duas) escolas da rede estadual de ensino da cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul, sendo que os sujeitos da pesquisa estão constituídos pelas turmas do Ensino Médio (EM) das aulas de Educação Física (EF). Neste contexto, a pesquisa segue analisando e identificando de que maneira as diferenças - sejam elas físicas, de gênero, de cor da pele, de habilidade e até mesmo da maneira de se vestir -, percebidas em sua dimensão sociocultural, contribuem para a formação das identidades das personagens desse contexto. Desta forma, entende-se que a identidade se constitui imersa na cultura, articulando-se com classes de idades, gêneros, etc. Entretanto, sua finalidade é localizar determinados indivíduos como tais, sejam como pessoas, ou como grupos simbólicos em algum espaço.

Neste ambiente escolar, a pesquisa é de natureza qualitativa, descritiva, delineada a partir da análise das falas de 10 (dez) alunos dessas turmas, por meio de entrevistas semiestruturadas, bem como das representações afloradas no decorrer das aulas que foram descritas através das observações periféricas. A faixa etária dos estudantes entrevistados é de 14-17 anos de idade.

Espera-se, com este estudo, contribuir para futuras reflexões sobre “identidades diferentes” no contexto das aulas de EF que, por muito tempo, foi um ambiente onde a padronização se mostrou comum, por vezes ainda se mostra, e ainda se fala em modelos de beleza, nesse contexto muitos continuam a defender a ideia de ter um corpo modelo, homogeneizado.

2 O ENTRELACE ENTRE CULTURA E IDENTIDADE

Este título, que enfatiza o entrelace entre cultura e identidade, não se faz presente por mero acaso. A proximidade entre identidade e cultura é originária da relação que os dois conceitos mantêm entre si, pois, “atualmente, as grandes interrogações sobre a identidade remetem frequentemente à questão da cultura. Há o desejo de se ver cultura em tudo, e de encontrar identidade para todos” (CUCHE, 2002, p. 175).

Desta maneira, Cuche (2002) aponta que a atual moda da identidade é uma extensão do fenômeno da exaltação da diferença, surgindo a partir dos anos setenta, levando tendências e ideais diversos a realizar apologias à sociedade multicultural. No entanto, também surgiu a idéia de cada um manter sua identidade individual, ou seja, cada um por si, pois para o autor a cultura “pode existir sem a consciência de identidade” (CUCHE, 2002, p. 176).

Segundo Cuche (2002), esta “moda” insiste em ver identidade em tudo, em que qualquer manifestação contradizente é sinônimo de mudanças identitárias. Essas “modas”, como o autor se refere, estruturam-se a partir de visões diferentes do que é identidade. Segundo suas palavras, a identidade serve principalmente para a pessoa se localizar como indivíduo e ainda localizar outros indivíduos que pareçam adequados aos seus padrões.

Percebe-se que a preocupação com a diferença já era muito presente nos anos 70, porém, quando se exalta a diferença do outro, não se deve esquecer que o indivíduo, ainda assim, constitui sua identidade social, logicamente diferente, mesmo sendo de grupos iguais (CUCHE, 2002).

Baseado nesta reflexão sobre a “moda” das identidades, Cuche tenta entender seus significados, e considera que as crises culturais estão em paralelo com as crises de identidade e, conseqüentemente, podem influenciar no que ele chama de enfraquecimento do Estado-Nação.

Cuche (2002) traz um alerta sobre a diferença entre cultura e identidade cultural. Mesmo que ambas tenham uma ligação muito forte, seria um equívoco utilizar as duas como noções semelhantes:

Em última instância, a cultura pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. A cultura depende em grande parte dos processos inconscientes. A identidade remete a norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas. (2002, p. 176)

Pode-se constatar que a identidade obteve diversos tipos de interpretações e aproximações ao longo do tempo. Contudo, é fato que a mesma tem uma característica muito forte, sua fluidez, pois é marcada por momentos em que deixa de ser entendida como solidificada para se tornar mutável.

Ou seja, acreditava-se que um sujeito nascia, crescia, reproduzia-se e morria com uma única identidade, e, nos estudos contemporâneos, a identidade do sujeito é vista por um outro ângulo. Deste modo, algo que se tinha como certo, engessado, enraizado, torna-se característico por sua fluidez. Diga-se, então, que ocorreu uma transformação, uma evolução na utilização e constituição da identidade de um sujeito, por isso é marcada por sua maneira de fluir.

Para Castells (2006), existem algumas precipitações no uso do conceito de identidades e papéis no meio social, e é necessário haver uma distinção entre ambos, pois “identidades são fontes mais importantes de significado do que papéis, por causa do processo de autoconstrução e individuação que envolvem, pode-se dizer que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções” (p. 23).

Como foi dito por Castells, os papéis organizam funções. Isso fica mais claro com o exemplo de um indivíduo querer ser e/ou ter determinada função, ou seja, ser professor, ser jogador de futebol, ser um cabeleireiro, ser pai, ser fiel a alguma crença.

Contudo, todos os exemplos acima descritos, de acordo com Castells, são papéis definidos pela própria sociedade, e estes papéis podem influenciar as atitudes e comportamentos dos indivíduos.

Desta forma, entende-se que os papéis possuem grandes diferenças em relação à identidade; porém são instrumentos que podem influenciá-la, como se sabe, levando à sua construção de acordo com o seu meio. Assim, Castells (2006, p. 23) diz que “não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de que, por quem e para que isso acontece”.

Percebe-se, mais uma vez, que a identidade depende de fatores externos para sua constituição, formação, construção e para que assim o indivíduo possa se firmar como um “ser alguém”, dependendo, principalmente, das ações sociais e culturais do grupo em que está inserido. Ao ressaltar estas ações, Cuche (2002) acredita que a genética não se enquadra como um fator que possa vir a contribuir para essa construção identitária, pois é uma teoria que não é muito bem acolhida pelos estudiosos de tal vertente. Devido aos fatores externos ao meio

em que as pessoas estão inseridas, talvez os genes passados por gerações não influam como fator determinante para a constituição da identidade.

Em Cuche (2002), encontra-se a questão da herança biológica. Neste caso, a herança identitária é transmitida, por meio da genética, de um indivíduo para o outro, sendo que, vista a partir de uma abordagem culturalista, essa herança adquirida geneticamente não é bem aceita, mas sim, uma herança cultural que um determinado grupo cultural utiliza para socializar-se entre si e com o meio.

No caso dos adolescentes observados, talvez as mudanças psicológicas possam influenciar essa constituição do sujeito. Visto que a herança genética não possui grandes influências para a construção identitária do sujeito, Castells (2006) levanta alguns interrogantes acerca de quem constroi a identidade coletiva e para que essa identidade é construída, e coloca que, em grande parte, essa construção é determinada pelo conteúdo simbólico da identidade e também o seu significado, tanto para os indivíduos que se identificam com ela como para os que se excluem.

Seguindo essa linha de pensamento, as pessoas estão sempre submetidas a um novo processo de transformação ao longo de sua história, talvez não dependendo da constituição identitária do meio cultural em que estão inseridas, mas, sim, sofrendo influências deste.

Deste modo, para que sejam analisadas as representações dos alunos, principalmente quando o referencial é voltado para os estudos culturais, se faz necessário compreender as diferenças que os alunos apresentam e as identidades que ali afloram e são constituídas. Silva (2009, p. 89) diz que “para a teoria cultural contemporânea, a identidade e a diferença estão estreitamente associadas a sistemas de representação”. Diferença esta, que pode ser manifestada de várias formas, principalmente nos dias atuais, e um dos elementos que podem contribuir para com esse fenômeno são as manifestações através do corpo no âmbito escolar.

3 CORPO E DIVERSIDADE CULTURAL: UMA RELAÇÃO DE SÍMBOLOS

Seria possível afirmar que o corpo pode ser um elemento forte da identidade cultural/social do ser humano na contemporaneidade? Pode-se dizer que durante anos ou até mesmo séculos a identidade esteve vinculada a valores éticos e morais; entretanto, atualmente, o corpo transformou-se em um “organismo” de legitimação, de afirmação própria; tornou-se um elemento capaz de “falar” por si próprio. Seu poder de expressão é muito forte e se manifesta através de diferentes linguagens, sendo que estas podem, também, ser repassadas

em um meio social; ser assimiladas por um determinado grupo social e tornar-se fruto da construção ou formação de uma identidade característica desse grupo.

Em latim, *corpus* designava o corpo em oposição à alma, daí a origem do sentido de “cadáver”, que ainda é conservado por muitas línguas modernas. O inglês chama o corpo morto de *corpse*, já o francês utiliza-se da expressão *levée du corps* como um sinônimo à “encomendação de defunto” e todo falante do português se sente incomodado ao escutar a frase, “o corpo será velado no necrotério” (FONTES, 2006).

Acreditamos que esse incômodo, que o autor relaciona com o corpo sendo velado no necrotério, não é exclusivo dos falantes da língua portuguesa, como o mesmo diz, porém de muitas outras etnias, pois, atualmente, o ser humano não é preparado durante a vida para a morte do corpo; somente se fala em saúde, qualidade de vida, viver melhor; logo, o fim do corpo carnal é uma ideia lida com dificuldade por diversas pessoas, independentemente das crenças.

É esta dicotomia sobre a palavra *corpus*, ou seja, essa dualidade entre o animado e o inanimado que possibilitou sua indicação também a objetos materiais, conforme diz Fontes (2006). É nesse aspecto que o autor continua dizendo que, graças a uma raiz européia, houve uma busca por uma significação, fazendo relação à “forma” e posteriormente, o corpo chega à consciência linguística da latinidade, que dá sentido e significação ao corpo humano.

É assim que, para Fontes (2006), o corpo aparece para o Ocidente cristão com uma herança do pensamento grego, inspirado também com a alma, consciência e espírito, existindo, daí uma união entre a alma e o corpo.

A partir dessas contribuições de Fontes, acredita-se que o corpo é também mais um elemento repleto de interpretações e significações, ou pelo menos foi em cada momento diferente da história, sendo visto de diferentes formas por sociedades e estudiosos diferentes.

É nesse sentido que Santana (2006, p. 03) diz que “realizar uma história sobre o corpo é um trabalho tão vasto e arriscado quanto aquele de escrever uma história de vida”. A partir dos pressupostos apresentados, fica evidente a complexidade do esforço de se delinear um caminho da “terminologia corpo”, pois são inúmeras, existem várias possibilidades.

Desta forma, o corpo pode ser visto por diversas maneiras; a realidade desta pesquisa não se enquadra no campo da medicina, nem da arte, mesmo que se faça uma leitura poética e romântica do mesmo, em que o “território tanto biológico quanto **simbólico**, processador de virtualidades infundáveis, campo de forças que não cessa de inquietar e confortar, o corpo seja talvez seja o mais belo traço da memória da vida” (SANTANA, 2006, p. 03 grifo nosso).

Esta é apenas uma demonstração de como o corpo pode ser visto a partir de olhares poéticos e até românticos; porém, o foco deste estudo é visualizar o corpo e discuti-lo por um viés antropológico.

A autora concorda que o corpo pode ter uma caracterização realizada por um viés simbólico. Assim, o ser humano possui certa autonomia para idealizar um tipo de corpo a partir dos símbolos que ele mesmo arquiteta. Não afirmamos que esta ação seja benigna ou maligna, mas que o corpo também é baseado em representações simbólicas levadas pelo indivíduo.

Santana (2006) descreve que o corpo é um elemento muito previsível, é finito, ou seja, ocorrerá um nascimento, mas chegará à morte e, ao passar dos anos, sua forma, ritmos, peso e estrutura serão transformados continuamente. Talvez seja por isso que todos os seres humanos estão completamente habituados a seus corpos, contudo, às vezes, o corpo se mostra desconhecido e estranho.

Essa dicotomia que o corpo enfrenta, Santana (2006) a vê com certa naturalidade e diz que “pesquisar seus segredos é perceber o quanto é vão separar a obra da natureza daquela realizada pelos homens: na verdade, um corpo é sempre **biocultural**, tanto em seu nível genético, quanto em sua expressão oral e gestual” (p. 03 grifo nosso).

Destacamos o momento no qual a autora afirma que o corpo é sempre “biocultural”. O corpo não pode simplesmente unir estes dois termos como formas antagônicas, ou seja, entendido pela união de dois conceitos distintos, o biológico e o cultural. Seria como separar corporeidade, falar de corpo e alma separadamente. Desta forma, o ser humano é simplesmente um corpo biocultural, um ser totalmente biocultural, quando ele come, dança, trabalha, canta, etc. Resumindo a ideia, Santana (2006) entende que o corpo não pode ser visto e entendido como um elemento biológico ou cultural, ele simplesmente é biocultural.

Neste momento, podemos utilizar como exemplo um ato comum e necessário para todo ser humano, o ato de comer. O corpo necessita de alimento, para que sejam sanadas todas as suas necessidades fisiológicas, ou seja, neste momento o corpo biológico está em ação. Imaginando o tipo de alimento de um japonês e de um brasileiro, não é necessário ir muito longe para constatar que são cardápios muito distintos; isso é claramente uma cultura alimentar diferente, o corpo cultural está em ação, pois como se percebe, o corpo sempre é biocultural.

Outro ponto sujeito a uma ponderação relativa ao corpo é a *aculturação*, sendo que o autor a coloca como o resultado um grande impacto sobre os usos do corpo. A aculturação é um fenômeno resultante de grandes mudanças sociais e/ou culturais correntes numa

determinada sociedade. Desta forma, entende-se que o corpo faz parte desse processo e, ainda mais, pode ser um dos elementos providenciais para esse processo de “mutações”.

Parisoli (2004) relata que uma das maiores dificuldades de uma aproximação sustentável do que é corpo está no uso semântico e, às vezes, em conceitos que se contradizem da palavra corpo, principalmente dentro das Ciências Humanas.

No entanto, entende-se que o corpo é parte integrante e significativa do ser humano, podendo ser constituidor de “múltiplas identidades”, carregadas de signos e símbolos. É nesse sentido que Parisoli concorda que o corpo está em todas as partes; como seres carnais, o corpo acompanha e faz parte das representações que se relacionam com a linguagem (2004).

Parisoli (2004) afirma que o objeto corpo está cada vez mais sendo utilizado por diferentes tipos de linguagens. Devido a isso, muitas pessoas estão convencidas que o corpo existe simplesmente na linguagem, com diferentes significados, “cada pessoa, como podemos constatar, pode ter uma relação diferente com seu corpo e, muitas vezes, pode abordar sua corporeidade de modo ambivalente” (p. 10).

Desta forma, se forem analisadas de maneira mais ampla, pode-se dizer mais uma vez que algumas significações podem vir através de símbolos representados pelas pessoas, mesmo que seja de maneira sutil ou oculta: “Na sociedade tecnológica, o sonho do corpo perfeito se realiza à medida que a anatomia humana se torna o principal foco de pesquisas tecnocientíficas e paracientíficas” (COUTO, 1998, p. 58).

Não é nenhuma descoberta contemporânea que a tecnologia trouxe ao ser humano suas facilitações e acomodações; então, não foi diferente com o corpo. Se atualmente a sociedade prega um determinado modelo/padrão estrutural de corpo perfeito, a tecnologia traz em seu seio soluções para satisfação desses anseios, porém essa ideia não é muito bem aceita por todos.

Essas buscas por um padrão de corpo, que se enquadre nos modelos de beleza que estão impregnados na sociedade contemporânea, causam um verdadeiro transtorno na vida de muitas pessoas, por simples discursos que levam à padronização de corpos, desconsiderando as manifestações da diversidade cultural, da diferença, e fazem com que, disfarçadamente, a identidade do sujeito seja modelada por um discurso homogêneo:

Em todas as culturas de todas as épocas, a interferência no corpo sempre consistiu em importante fonte de símbolos. O corpo comunica nossa experiência social. Atualmente percebemos uma crescente busca pela modificação corporal. Atendidos pelas clínicas de estética, cirurgias plásticas e academias ou ainda pelos aplicadores de tatuagens e piercings, construímos nossos corpos, atribuindo um sentido à nossa experiência de mundo. Moda? Necessidades pessoais? Rebelia? Como o consumo

do corpo idealizado pode ser compreendido? Precisamos interferir no corpo para revelar nossa identidade? Das tribos ao mundo contemporâneo, as práticas de modificação corporal nos conduzem a refletir sobre a nossa condição. (KEMP, 2005)

Este recorte é a sinopse da obra de Kênia Kemp “Corpo Modificado, Corpo Livre”. A autora consegue demonstrar muito bem como o corpo pode ser uma parte constituidora de identidade e essas questões lançadas por ela servirão como um possível caminho para demonstrar como estão sendo constituídas as identidades dos alunos, através do corpo, no contexto das aulas de EF no EM.

Durante a entrevista, o A1 (aluno 01) acredita aceitar-se com seu corpo da maneira como está; porém, coloca como um objetivo, uma meta ficar mais magra. O A6 (aluno 06) se manifesta de um modo diferente, já se mostra claramente insatisfeita, dizendo: “Não, se eu pudesse, eu mudaria muita coisa, como por exemplo, gostaria de ser mais magra”. Sem rodeios, ela concorda com os modelos que a mídia traz de beleza: “Eu concordo com o modelo da mídia”, diz a aluna. Nesse sentido é que Silva (2001) contribuiu falando do corpo-referência. Diga-se, também, que este modelo de corpo é sustentado por diversas instâncias sociais e amplamente apregoado por alguns veículos de comunicação através da mídia.

Na contribuição da A1 ficou claro o que a autora afirma, ao dizer que o referencial de corpo se sobrepõe às diversidades culturais. Esta aluna quer adentrar esse referencial corporal, quer ocupar um lugar neste grupo padronizado, mesmo estando contente em não ser igual, ou seja, com sua atual identidade.

Essa intenção está na simples vontade de mudar o olhar de si mesmo e o olhar do outro, com o intuito de sentir-se pleno, de existir. Quando um indivíduo muda o corpo, objetiva mudar a vida, transformar seu sentimento de identidade. Le Breton (2005) afirma que isto é a modificação corporal, operando primeiramente no imaginário e depois exercendo influência nas relações do indivíduo com o mundo.

O imaginário se mostra nas bases das representações que os alunos mostram do que entendem por corpo, influenciando suas relações com o mundo. O A5 (aluno 05) faz um posicionamento com muitas críticas em relação às referências contemporâneas ao corpo: “Não concordo com a visão da mídia, pois, em minha opinião na mídia as mulheres ficam com ‘cara de desnutrida’, e os homens ‘bombados’¹, não acho isso saudável” (A5).

O A5 relaciona as questões sobre o corpo com atributos voltados para a saúde, entendendo que, para se manter saudável, o corpo deve estar no mesmo âmbito. Diz ele que

¹ Termo utilizado para se referir a indivíduos que vão a academia de musculação ou praticam algum tipo de esporte utilizando-se meios ilícitos para ganho de massa muscular, através de esteroides e anabolizantes.

“cada um possui o seu, sua individualidade, e deve cuidar da sua saúde, não adianta o ‘cara’ tomar um monte de anabolizante e pensar que é saudável só por que está ‘bombado’”.

A partir da contribuição do A9 (aluno 09), detectou-se pouca clareza no que diz respeito a estar ou não satisfeito com o próprio corpo. Ao ser questionado, respondeu: “Um pouco, mais pra menos do que pra mais, eu gostaria de ser bem mais magro.” Ele entende que a magreza é o padrão de beleza bonito, assim como o A8 (aluno 08) acredita que ser alta é sinônimo de ser bonita: “Sou muito baixa, gostaria de ser mais alta” (A8). Quanto a esses aspectos, remetemos novamente a Silva:

A partir de tal perspectiva, podemos refletir acerca da beleza corporal e do que é “ser saudável”, conceitos difundidos pelo mercado com base no modelo que a ciência propõe e que se tornaram signos estéticos valiosos, com sua manifesta homogeneidade que se impõe aos indivíduos e às culturas. (SILVA, 2001, p. 93)

Pensemos: se todas as mulheres fossem altas e magras, e todos os homens fortes e altos, ou seja, um mundo praticamente homogêneo, não haveria razão em discutir sobre diferença, identidade, e muito menos diversidade, pois seríamos todos iguais. Mas como nos encontramos longe dessa utopia, continuamos.

Nos discursos, de A1 e de A5 houve grandes diferenças no entendimento de corpo como parte das identidades, principalmente no discurso do A1, que possibilita entender uma mutação em sua própria identidade. Entretanto, essa problematização de um indivíduo com sua própria identidade ou diversas identidades já é realizada por alguns estudiosos da área, tais como Hall, dizendo que são várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Contraditórias ou não resolvidas, esses estudantes “perambulam” por essas identidades.

A identidade não é sinônima de uma qualidade única; ela se caracteriza como conjunto de valores subjetivos ao sujeito, que se dão e se manifestam de diferentes formas, conduzindo a situações distintas. Com isso, afirma-se que não temos apenas uma identidade, mas múltiplos referenciais que unidos atribuem identidades diferentes em contextos diferentes; desta maneira, somos seres multifaceados, cada identidade se manifesta a partir da situação em que é enfrentada (KEMP, 2005).

Esta definição da autora exprime de maneira muito precisa o caso do A2 (aluno 02), que apresentava representações um tanto quanto agressivas, “preconceituosas”, seu caso já foi evidenciado. No entanto, durante a entrevista pareceu “*ser outra pessoa*”, não era aquele mesmo aluno que se apresentava hostilmente frente aos colegas na quadra.

Desse modo, seguindo a linha de pensamento da autora, quando o A2 se viu num contexto que não era condizente com sua realidade social, talvez ele apenas se atribuiu outra identidade, ou seja, sendo um ser multifaceado, pode-se dizer que se manifestou com uma identidade ideal para aquele momento. Houve apenas a exclusão de uma, e inclusão de outra, dentre as várias identidades.

A questão de exclusão e inclusão através da identidade se mostra em vários momentos nas aulas de EF. Numa turma de 1º Ano D da E1 (escola 01), uma aluna se destaca através de seu corpo hábil em diversas atividades. Vou chamá-la ficticiamente de “Amanda”, pois não participou das entrevistas. Digamos que Amanda tem facilidade em se adaptar às mais diversas situações de atividades e exercícios físicos propostos pelo professor.

O ponto número nove do roteiro questiona os alunos quanto à sua satisfação com o próprio corpo. O A1 diz: “Estou satisfeita, mas pretendo melhorar, porque eu acho que ficar mais magra é mais bonito”.

Talvez, em princípio, esse aluno se demonstrou satisfeito com seu corpo; porém, após alguns instantes de reflexão, lembrou-se daqueles modelos e padrões de corpos, fazendo evocar aqui as palavras de Silva, que afirma, quanto à construção do modelo:

Este “corpo-referência”, na linguagem própria da área, é estruturado com base em uma perspectiva matemática, porque formulado na base quantitativa, o que permite sua generalização, porque abstrato e pretensamente aistórico e supracultural. A generalização dos dados estatísticos e medidas padronizadas, ao serem incorporados pelos profissionais vinculados às ciências biomédicas em todo mundo urbanizado, indica uma tendência à mundialização deste referencial de corpo que **se sobrepõe às diversidades culturais**, sob os auspícios da ciência. (SILVA, 2001, p. 89, grifo nosso)

Amanda se identificou com o grupo dos meninos. Sua convivência, pelo menos durante as aulas de EF, era quase totalmente voltada às atividades juntamente com os meninos, tanto no momento do futsal, como no badminton, já que o voleibol era mais voltado para as meninas.

É notório que a presença dela, mesmo que mínima, em meio a um determinado grupo de meninas, não é muito bem vinda. Talvez as meninas realizem uma identificação com Amanda como sendo um ser “diferente”, possuindo a estrutura corporal de menina, mas suas ações são comumente relativas às dos meninos.

Para colaborar com a discussão sobre identificação, Hall (2009, p. 130) cita Butler (1993, p. 105), dizendo que, “neste sentido, as identificações pertencem ao imaginário; elas

são esforços fantasmáticos de alinhamento, de lealdade, de coabitações ambíguas e **intercorporais**” (grifo nosso).

Por meio da habilidade corporal distinta de Amanda em relação às outras meninas, ela conseguiu uma identificação dentro do grupo dos meninos, que, por vezes, a acolhiam muito bem. Ganhou espaço dentro de um grupo identitário por sua diferença relativa a seu gênero naquela realidade social: “O esforço, agora, é para se pensar a questão do caráter distintivo da lógica pela qual o **corpo** racializado e etncizado é constituído discursivamente – por meio do ideal normativo regulatório de um ‘eurocentrismo compulsivo’” (HALL, 2009, p. 130, grifo nosso).

Realmente, alguns discursos criam barreiras para determinadas ações e atividades educativas, até mesmo profissões. Enfim, de diversas formas o “discurso compulsivo” pode solidificar a ligação de algo com alguém ou determinado grupo. Atualmente as mulheres vêm ganhando muito espaço, seja no âmbito profissional, nas realizações pessoais, de lazer, etc.

Do mesmo modo, pode-se questionar: por que Amanda é tão visada nas aulas de EF por ser hábil em uma atividade que durante décadas foi exclusividade dos homens? Essa resposta pode estar neste discurso normativo compulsivo, que atualmente perde espaço para a vivência da diversidade: “O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos servindo de fundamento para a identidade – por exemplo, para a identidade sexual” (WOODWARD, 2009, p. 15).

Como o corpo pode se caracterizar como uma construção simbólica, também pode ser um símbolo sexual, este pensamento se origina a partir da atitude de um aluno para com o outro. Tal acontecimento ocorreu numa turma de 3º ano do Ensino Médio. Um aluno que se diz gay dizia ao outro: “Olha esse corpo, já pensou se ele fosse seu...” Tal atitude é um reflexo do corpo sendo utilizado como uma maneira de se expressar sexualmente, ou no mínimo socialmente: “O homem precisa tanto de tais fontes simbólicas de iluminação para encontrar seus apoios no mundo porque a qualidade não-simbólica constitucionalmente gravada em seu **corpo** lança uma luz muito difusa” (GEERTZ 1989, p. 33, grifo nosso).

Através de construções simbólicas, é arquitetado um significado para a representação do outro. Esta simbolização demonstrada pelo aluno gay é um reflexo do que o autor diz. Suas atitudes, modo de se vestir, de conversar, são símbolos de sua relação com um grupo identitário homossexual, sendo que, naquela turma, somente ele procurou se legitimar com esta identidade. Neste caso o corpo é carregado de indícios que o identificam como “ser gay”.

Entende-se que o aluno utilizou o corpo para passar uma informação para o outro: “Como no estudo da cultura a análise penetra no próprio corpo do objeto, isto é, começamos

com as nossas próprias interpretações do que pretendem nossos informantes, ou o que achamos que eles pretendem, e depois passamos a sistematizá-las” (GEERTZ, 1989, p. 11).

Acreditamos que uma má interpretação desta reflexão realizada pelo autor pode dar origem a muitos equívocos; por exemplo, este aluno gosta muito de usar roupas coloridas, extravagantes, adora gritar, seus movimentos são sempre muito leves e sutis, enfim, são informações sistematizadas e dadas por ele e absorvidas pelos outros ao seu entorno, os quais constroem suas próprias interpretações, sendo que podem ser carregadas de estereótipos. No entanto, esta leitura pode ser carregada de preconceitos e se mostrar estereotipada, pois essas características observadas nesse aluno não devem ser padronizadas somente como pertencentes à identidade gay.

Acreditamos que um modelo de aparência masculina utilizada por muito tempo já foi superado nos dias atuais, aquele que deveria usar roupas de cores mais neutras, ser rústico, cabelo curto, forte, ter pelos por todo o corpo. Queremos chegar ao ponto em que pensemos: se uma pessoa gosta de usar roupas coloridas, ou, por hábito, suas expressões corporais são marcadas por determinados traços, será identificada como gay? Neste caso, se qualquer outra pessoa raspar a cabeça será identificado como “skinhead”, já que essa marca é muito forte neste grupo. Estes são alguns padrões ainda existentes e se manifestam a partir do discurso descontrolado de muitos indivíduos, principalmente em algumas culturas mais fechadas ao diálogo com o diferente. “Entre o padrão cultural, o corpo e o cérebro foi criado um sistema de realimentação (*feedback*) positiva, no qual cada um modelava o progresso do outro, um sistema no qual a interação entre o uso crescente das ferramentas” (GEERTZ, 1989 p. 35).

O autor continua dizendo que, “de outro lado, apoiam essas crenças recebidas sobre o corpo do mundo invocando sentimentos morais e estéticos sentidos profundamente como provas experimentais da sua verdade” (ibid. p. 67). Geertz já dizia que os símbolos religiosos formulam congruências básicas.

Percebe-se que as crenças estão embutidas no conceito de cultura e, como vimos em Geertz, são recebidas pelo corpo. Com isso, percebe-se em uma aula com uma turma de 1º Ano do EM, certo descaso e preconceito pela crença de uma aluna. A mesma se diferenciava dos outros por usar uma saia que se alongava até perto dos tornozelos, sendo um tipo de vestimento característico de pessoas de uma determinada religião. No decorrer da aula, os alunos a chamavam de “saiotão”: “Vai na bola, saiotão...” Esse comportamento reluz preconceito em relação à cultura do outro, pois a maneira de esta aluna se vestir é um reflexo dos significados de sua cultura religiosa.

Temos também atualmente na escola algumas “tribos” que se destacam por características muito específicas de cada uma, ou podemos chamá-los de grupos identitários distintos. Mas o que serve para análise neste momento é a maneira como essas “tribos” utilizam o corpo para legitimar uma identidade, tanto coletiva quanto individual.

4 IDENTIDADE E CORPO: SINÔNIMOS DE TRANSFORMAÇÕES

Parisoli (2004, p. 26-27) diz que “a cultura inscreve-se no corpo a fim de modelá-lo e socializá-lo com base em suas regras e suas normas. É a partir da infância que o corpo é formado [...]”.

Esta fala nos permite dizer que a construção da identidade do sujeito inicia-se logo na origem da vida dele, a partir do momento em que a criança começa um processo de auto-aprendizagem, desde quando conhece o seu próprio corpo e percebe que somos “iguais” e “diferentes” ao mesmo tempo.

Diria que o corpo é, sim, um espaço no qual a cultura se manifesta de maneira clara e visível, porém não a única forma de manifestação. Mas o corpo pode ser o berço da transformação do sujeito, pois, através dele, um indivíduo manifesta suas representações de mundo, ou seja, se realizada uma leitura minuciosa das expressões corporais, marcas inerentes ao corpo de um indivíduo, existe a possibilidade de reconhecê-lo e identificá-lo a determinada cultura.

Então, as transformações que o indivíduo está sujeito a enfrentar, ou simplesmente vivenciar, podem acontecer socialmente e culturalmente, pois, através do corpo, suas relações com o mundo serão estabelecidas. Sendo assim, deve-se entender e dedicar “a compreensão da corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representação e imaginários” (LE BRETON, 2007, p. 07).

Segundo Le Breton (2007), o homem é “moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” (p. 07). O autor continua dizendo que atividades que envolvam percepção, expressão de sentimentos, ritos de interação, projeção de gestos físicos, técnicos, a relação com a dor e o sofrimento, enfim, antes de qualquer coisa a existência se determina através do corpo.

Nas duas escolas estavam presentes duas marcas muito fortes nos alunos. Uma era a presença de roupas de cores fortes (rosa choque, verde limão, amarelo); no entanto, isso poderia ser decorrente da influência de uma banda famosa que estava fazendo sucesso no

momento, cujos integrantes lançaram essa moda. Lembro muito bem que, quando os mesmos saíram na mídia, foram bombardeados por comentários negativos; mas, enfim, o público adolescente os acolheu, utilizando o corpo revestido de determinado tipo de roupas para expor uma tendência que, naquele período, estava sendo aceito pelo grupo social em que os atores (alunos) estavam envolvidos.

Conversando com um grupo de alunos, falando a respeito, e o comentário de um aluno foi contra o que quase todos acreditavam ser uma moda. Detalhe: ele também vestia uma calça dessa tendência, porém disse usar porque todos estão usando. Logo vieram os ataques dos colegas, e ele se explicou: “É sério, não é bonito, mas todo mundo tá usando, aí pedi pra minha mãe comprar pra mim também.” Depois disse que estava com vergonha de dizer a sua mãe que também queria uma camisa daquelas, mas quando falou, sua mãe não mostrou resistência, dizendo que iria comprar uma também para seu pai. Com isso, todos entraram em gargalhadas. Isto comprova que a relação com os outros pode influenciar nas identidades, seja da criança, adolescente ou adulto.

Percebe-se, com isso, que não somente uma criança, porém, qualquer indivíduo com qualquer idade está em contínua transformação e assimilação de conhecimentos. Mas, particularmente neste caso, a infância e a adolescência são muito caracterizadas e influenciadas pelo processo de socialização no qual estão inseridas; e, neste, também se encontram as expressões corporais, as quais o corpo está e será submetido a vivenciar.

Esse fenômeno acontece e é um fato consumado, pois, como já não é nenhuma novidade no processo educacional e social, a educação não precisa acontecer necessariamente de forma intencional. Por vezes se sucede de maneira recíproca e natural, pois educação não é somente a acadêmica, ela pode acontecer pelos simples contatos culturais, gestos sociais, expressões do corpo, enfim, pode ser involuntária. A relação do ser humano com o corpo não é uma. As pessoas sentem frio, fome, sensações de formas diferentes e representam de maneiras distintas.

Entretanto, também não se pode afirmar que o indivíduo irá somente “experimentar” sua identidade através do corpo, pois as crenças, os costumes, valores, etc., podem influenciar a constituição dessa identidade mutável, tanto quanto o corpo, através das expressões corporais, ou seja, as identidades podem ser “experimentadas” por diversos caminhos e receber diferentes sentidos.

Entretanto, às vezes, o ser humano se depara com algumas inseguranças quanto à sua identidade, principalmente se oriundas da relação do seu próprio corpo com o mundo. No

contexto das aulas de EF, isso se dá de uma forma muito intensa, em relação à espera sobre o quê o outro pensará de “mim” a partir do que eu fizer com meu corpo.

Durante as aulas de EF, é muito comum o professor receber uma alegação das meninas de não participação nas aulas devido à menstruação. Na E2, uma aluna disse à professora, em meio aos outros colegas, que não iria participar daquelas atividades, pois estava menstruada; então a professora respondeu em alto e bom tom: “Menstruação não é doença, a atividade física até contribui para você [...]”. Não adiantou muito, pois a aluna continuou sentada. Com isso, entende-se que ela percebeu e compreendeu que seu corpo não estava preparado para realizar as atividades propostas pela professora.

Parisoli (2004) continua dizendo que o corpo representa uma parte de nós. Enquanto ele se coloca como uma condição de vida, o mesmo não pode ser destruído, assim como não podemos destruir nossa pessoa; no entanto, podemos, por exemplo, amputar um pé, se ele estiver ameaçando o resto do corpo, ou seja, colocar a pessoa em risco de morte.

Na E2 (escola 02) ficaram evidentes alguns grupos identitários, em que certo grupo de adolescentes se diferenciava radicalmente do restante da turma; diga-se que os “estilos” começaram a aflorar. Uma menina atraía a atenção dos outros pela cor dos cabelos e uma pulseira bastante chamativa. Seria uma tentativa de se impor ou de organizar-se em meio àquela realidade social?

De acordo com Le Breton (2004), hoje em dia, existem recursos, tais quais a tatuagem, um sinal visível gravado na própria pele, através da injeção de um tipo de tinta na derme, e o piercing, que consiste em fazer um furo na pele para colocar um objeto, um anel, uma pequena barra, um brinco, etc., como forma significativa de mudança de relação com o corpo.

Na E2, o tipo de prática comum observado, principalmente, entre as meninas, eram piercings no nariz, embora pudessem ser usados em diversas partes do corpo, como orelhas, boca, órgãos genitais, caracterizando, enfim, a criatividade infinita desses grupos identitários.

Além desses exemplos mais comuns, citados pelo autor, como o piercing e a tatuagem, contemporaneamente, encontram-se diversas maneiras de formar significados através da mudança do corpo. Alguns queimam a pele; outros introduzem um material para que a pele fique em alto relevo; os mais radicais realizam cirurgias plásticas para ficar parecidos com algum tipo de animal. As possibilidades são inúmeras, mas de fato não foi constatada no grupo em questão nenhuma dessas manifestações mais radicais.

Para ilustrar essas situações, certo dia na E1, em conversa no intervalo, elogiamos a turma que acabara a aula, dizendo que são alunos compreensivos com suas propostas, respeitosos um com o outro, mostrando ser uma turma do “sonho” de muitos

professores...Então o professor disse: “Ah! Você percebeu a diferença, essa turma é muito obediente, diferente da outra que tem um monte de maloqueiros²”.

Nesse caso, talvez, o que mais incomodava o professor naquela turma, o que ele identificou como “maloqueiros”, era um grupo de vários alunos que possuíam características da chamada cultura Hip-Hop, ou seja, usavam calças largas, camisa com o número bem maior do o que se utiliza “comumente”, tênis grandes; vários brincos e, lógico, as tatuagens, principalmente no antebraço, ou pelo menos era onde aparecia com mais visibilidade.

Com estas características corporais e estilos diferentes, talvez o professor os relacionava a marginais em fase de “especialização” para o mundo do crime, pois essas manifestações não fizeram parte de sua realidade temporal, ou seja, de sua época.

Essas relações de marcas através do corpo são ambíguas. Como dito, numa das escolas era muito comum o piercing entre as meninas, mas o discurso estereotipado não estava presente nestes casos, até mesmo porque uma professora desta escola possui uma tatuagem nas costas, uma espécie de mandala. Possivelmente naquele contexto o grupo divide as mesmas valências, ou seja, comungam dos mesmos costumes: “A marca corporal ou o objeto do piercing são um modo difuso de filiação numa comunidade flutuante que nutre uma cumplicidade relativa com aqueles que os trazem igualmente” (LE BRETON, 2004, p. 11).

Kemp (2005) destaca que, se não existe cultura absoluta, e sim um conjunto de culturas, que podem ser julgadas a partir de perspectivas e critérios diferentes, no qual uma cultura aceita e respeita a outra, independente do ângulo em que são enxergadas as questões, o corpo contemporâneo ainda é igual a qualquer outro de culturas anteriores, apenas é construído para e pela sociedade atual.

Por isso é que Silva (2001) entende que não temos um corpo, mas muitos corpos, tantos quantos são os sujeitos pertencentes às muitas culturas que povoam o planeta: “Apesar disso, o corpo, como organismo e elemento da natureza, também nos atribui parte da condição humana e identidade da espécie” (p. 88).

Essas discussões acerca do corpo, apresentadas no decorrer desta parte da pesquisa, dão a entender que “todos esses passos isolam o corpo como uma matéria à parte que revela um estado do sujeito, suporte de uma geometria invariável, de uma identidade escolhida e sempre revogável” (LE BRETON, 2004, p. 18).

² Nomenclatura utiliza para se designar as pessoas que não cumprem com alguns códigos morais e éticos perante a sociedade, também, pode ser comparado a um indivíduo que rouba, usa drogas, ou seja, está relacionado ao lado ruim da sociedade.

A partir do que foi discutido, são fundamentais as representações que o corpo tem marcado no que diz respeito à contribuição nas constituições das identidades dos alunos envolvidos nessa trama das diferenças, que tiveram como palco as aulas de EF no EM em duas escolas da rede estadual da cidade de Dourados-MS.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante toda a estruturação desta pesquisa, quanto ao processo de análise da constituição ou da busca de uma identidade, percebeu-se a relação paralela entre a identidade cultural e corpo, tendo o segundo como parte integrante e participante ativo na legitimação identitária dos atores sociais nas aulas de EF no EM em ambas as escolas. Como resultado, podemos dizer que na contemporaneidade a identidade é mutável, às vezes, involuntariamente, ou de maneira dissimulada, oculta, mas sempre transformada.

Considerando que atualmente a formação do indivíduo, ou seja, sua constituição identitária, de fato, receba muitas influências externas, como a dos meios de comunicação, ou seja, tem força na “construção dos sujeitos”, o mercado consumidor com sua relação estreita com a mídia, está veiculando uma mensagem e prometendo uma nova aparência as pessoas, através de aparelhos, implantes, cremes, etc.

Entendeu-se que as identidades e corpos dos alunos recebem grande influência do meio em que convivem, ou seja, naquela realidade social, e que, apesar de terem uma identidade individual, sentem grande necessidade de formar uma identidade coletiva. A formação de grupos identitários ficou muito evidente entre os adolescentes das escolas analisadas, alguns grupos mais fortes que outros, fortes no sentido de que sempre estavam unidos, chegavam à quadra juntos, queriam fazer as atividades juntos, retornavam a sala juntos. Aliás, como vimos, as identidades formam uma relação de poder muito complexa.

Deve ficar claro que a presente pesquisa não objetivou fixar uma conclusão, mas buscar o entendimento e compreensão de um fenômeno dentre várias outras formas de apreensões. Não pretendemos esgotar o assunto nem procurar oferecer explicação para esse fenômeno. De algum modo, são testemunhos de um processo ainda em curso, tão incerto quanto qualquer outro.

Enfim, a diversidade humana é um fenômeno que proporciona ao corpo várias possibilidades de atuação e de interpretação, possibilitando o intercâmbio entre identidades e a passagem de uma para outra.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 5 ed. Trad: Klauss Brandini Gerhardt 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

COUTO, Edvaldo Souza. **Estética e assepsia corporal**. In: CABEDA, S. T.; CARNEIRO, N.V.B.; LARANJEIRA, D. H. P. O Corpo ainda é pouco. II Seminário sobre a contemporaneidade. Bahia: Nuc/UEFS, 1998.

CUCHE, Denis. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

FONTES, Joaquim Brasil. **O corpo e sua sombra**. In: SOARES, Carmem Lucia. Corpo e história. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

KEMP, Kenia. **Corpo modificado, corpo livre?** São Paulo: Paulus, 2005.

LE BRETON, David. **Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais**. Trad: Tereza Frazão. Lisboa: Miosótis, 2004

LE BRETON. **Adeus ao corpo**. Campinas: Papirus, 2005.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2.ed. Trad: Sonia M.S. Fuhrmann. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2007.

PARISOLI, Maria, Michela Marzano. **Pensar o corpo**. Trad: Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

SANTANA, Denise de. **É possível realizar uma história do corpo?** In: SOARES, Carmem Lucia. Corpo e história. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SILVA, Ana Marcia. **Corpo e diversidade cultural**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, v. 23, n. 1, p. 87-98, set. 2001.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.